

Das antigüidades americanas: arqueologia e relatos dos viajantes naturalistas no Nordeste do Brasil – séculos XVIII e XIX

Roberto Airon Silva
Mestre em História – UFPE
Professor do Departamento de História da UFRN
Coordenador do Laboratório de Arqueologia- Larq
E-mail: larq@cchla.ufrn.br

Resumo

A importância do estudo e da valorização das fontes escritas para a arqueologia hoje exige a aproximação do trabalho do arqueólogo ao ofício do historiador. Dentre essas variadas formas de fontes escritas estão os relatos etnográficos e os relatos de viagem, em especial aquelas dos viajantes naturalistas. O esboço promovido pela observação desses viajantes promoveu um olhar diferenciado do olhar de cronistas e viajantes coloniais, pois a formação destes naturalistas exigia a produção de uma observação científica e sistemática da natureza, da terra e do homem. No contexto das novas tendências para a arqueologia no Brasil, esses dados podem promover importantes achados e o conhecimento do universo das idéias que permearam esses relatos e sua relação com a prática arqueológica.

Palavras – chave

Relatos de viagem, naturalistas, história da arqueologia no Brasil.

O presente artigo trata de um levantamento inicial no âmbito da continuidade de trabalho que foi desenvolvido em dissertação de mestrado, oportunidade em que tratamos das contribuições escritas, bibliográficas e documentais, de viajantes, de eruditos, historiadores e etnólogos acerca dos lugares (sítios) com registros rupestres pré-históricos no estado do Ceará. Com base em textos escritos desde o final do século XVIII à primeira metade do século XX, constatamos a importância dos estudos antecedentes da pesquisa arqueológica no entrecruzamento do saber historiográfico e etnológico no Brasil e em especial neste estado.

Nesse primeiro trabalho, como base teórica, consideramos a importância das fontes escritas para o trabalho arqueológico. Nosso objetivo foi não somente realizar um levantamento

bibliográfico sobre registros rupestres no Ceará, mas ir, além disso, e sistematizar esses dados, classificar e analisar os autores e seus textos, mapeando de forma sistemática as localizações que os textos forneceram sobre sítios com registros rupestres e as abordagens explicativas de tais vestígios arqueológicos.

Desta forma, utilizamos as fontes escritas, bibliográficas ou documentais, publicadas sob a égide de instituições oficiais encarregadas de divulgar o saber científico e literário, desde o século XIX, no Ceará.

O contato com essas fontes textuais não se limitou somente à pesquisa para o mestrado, mas também advém do contato com novos dados advindos ao longo dos últimos anos no exercício das disciplinas Arqueologia e Pré-história e nos resultados já obtidos em Projeto de Pesquisa vinculado à Base de Pesquisa "História e Historiografia do Rio Grande do Norte" no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tal trabalho teve como tema: "*As contribuições bibliográficas e documentais à Arqueologia no Rio Grande do Norte*".

Neste trabalho constatamos a partir da pesquisa em fontes bibliográficas, publicadas no último século por instituições oficiais no Rio Grande do Norte, que diversos autores trataram dos materiais arqueológicos na fronteira dos conhecimentos historiográficos, etnológicos e arqueológicos. Nessas fontes, percebemos reiteradas referências aos relatos dos viajantes estrangeiros no Brasil como a origem das informações, quando procediam a uma história da arqueologia no contexto regional.

Tais referências extrapolam os limites do regional, pois assim como no estudo realizado sobre o Ceará, esses conhecimentos articulam-se no âmbito nacional, entrecruzando informações, idéias e metodologias. A partir do interesse de instituições de divulgação da pesquisa histórica, arqueológica e etnológica, como o IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) a Biblioteca e o Museu Nacional, assim como os Congressos de Americanistas e de História Nacional, promovidos por estas instituições, oportunidade em que vários desses trabalhos foram divulgados por meio da publicação em periódicos trimestrais, anais de Encontros ou em forma de relatórios. Ainda há de se considerar a constante divulgação de informações através da correspondência entre os sócios efetivos e sócios correspondentes dos Institutos Históricos locais e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

No Ceará, por exemplo, houve uma participação efetiva e atuante do Instituto Histórico e Geográfico do estado. No Rio Grande do Norte, quanto às informações arqueológicas, esta atuação foi representada pelas coleções especiais: a Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional (na década de 1930), e no contexto local pelas edições da Coleção Mossoroense

(publicadas a partir da década de 1970), da Fundação Vingt-Un Rosado. Além de reproduzir textos antigos através de edições fac-similares ou publicadas a partir do trabalho de intelectuais ligados também ao contexto historiográfico nacional.

Em ambos os casos, as referências sobre as origens do interesse nas informações e/ou vestígios arqueológicos, principalmente aqueles relativos ao período pré-colonial, estão associadas aos relatos dos viajantes exploradores e naturalistas, sendo estes também, os primeiros a destacar formas interpretativas para os vestígios arqueológicos encontrados em suas viagens e não apenas um referencial das antiguidades americanas, ou sobre as coisas pré-colombianas.

A partir destas conclusões, temos percebido que grande parte do conhecimento sobre a história do pensamento, das idéias e das práticas arqueológicas no Brasil, desde o final do século XVIII e o século XIX, em especial para a área que hoje denominamos Nordeste do Brasil, carecem de trabalhos sistemáticos, e que as deduções que têm sido apresentadas nos manuais de arqueologia tratam o assunto de forma genérica, se não, bastante esquemática.

Textos como os do arqueólogo André P. Prous¹, sobre a bibliografia arqueológica no país e de Alfredo Mendonça de Souza², sobre a história dos estudos arqueológicos no Brasil, marcam decisivamente a tentativa de historicizar a ciência arqueológica no país, mas pouco ou quase nada se publicou sobre as idéias e as práticas arqueológicas do passado, na produção científica, disponível nos canais acadêmicos do país, principalmente sobre a atual região Nordeste.

Alguns avanços podem ser considerados, como, por exemplo, a inclusão do tema das idéias e do pensamento arqueológico feito por Gabriela Martin³, em capítulo de seu livro, destinando um espaço aos resultados e às questões importantes, no que tange à história das explicações sobre os vestígios e também sobre as práticas científicas presentes na história da disciplina arqueológica nesta porção do país, ou ainda, historiadores como Johnni Langer, preocupados em referenciar a origem e as relações das idéias que permearam o imaginário acerca de cidades perdidas, tesouros, e explicações civilizacionais para os vestígios que hoje sabemos constituir as marcas da ancestralidade comum aos grupos indígenas que habitavam o Brasil à época do contato, ou seja, a pré-história do Brasil.

De acordo com o historiador da arqueologia, Bruce Trigger⁴, várias são as formas pelas quais os vestígios arqueológicos podem ser vistos, produzindo o podemos que chamar de "enfoques temáticos" na construção do conhecimento arqueológico.

¹ André Prous. "Arqueologia Brasileira", 1992.

² Alfredo Mendonça de Souza. "História da Arqueologia Brasileira", 1991.

³ Gabriela Martin, "Pré-História do Nordeste do Brasil", 1997.

⁴ Bruce G. Trigger, "Historia del pensamiento arqueológico", 1992.

Mesmo considerando que a arqueologia não se constituirá como disciplina, mesmo na Europa, até meados do século XIX, as idéias precedentes, não só em relação aos achados históricos do século anterior (XVIII), mas também aos avanços e resultados significativos da recém criada ciência geológica. As bases que assentaram definitivamente a arqueologia foram em grande medida para a história intelectual do século XIX: *o reconhecimento da Antigüidade do homem*.

O conjunto de conceitos, tais como: a história do homem (humanismo) e o problema de sua antigüidade sobre a Terra; a ciência natural; o conceito de evolução; o sistema das três idades, e o problema da antigüidade do homem, foram idéias que permearam a disciplina arqueológica, influenciando decisivamente, acima de tudo, nas formas de explicar o registro arqueológico e nas práticas decorrentes de como recuperá-lo. O progresso da chamada Etnologia e as descobertas das chamadas primeiras civilizações completam o quadro geral dos enfoques temáticos de grande parte do século XVIII e do início do século XIX. Todos estes elementos são, portanto, necessários ao entendimento da evolução da ciência arqueológica no Brasil e das articulações desta com as outras diversas formas de conhecimento.

No Brasil do final do século XVIII e da primeira metade do século XIX, as viagens de exploração deixam de ser privilégio de bandeirantes, cronistas, clérigos e militares e passam a ser realizadas por cientistas, geralmente naturalistas europeus, a serviço das academias científicas européias e sob os auspícios do governo e da intelectualidade brasileira.

A literatura de viagem sobre o Brasil toma fôlego a partir de 1810, com a abertura dos portos e a conseqüente entrada de muitos estrangeiros no Brasil, impulsionados por diversas razões: comerciais, científicas, diplomáticas, aventureiras, militares e artísticas. Tais estrangeiros excursionavam em diversas regiões da terra desconhecida: Brasil.

Mary Louise Pratt⁵, afirma que a literatura de viagem nos séculos XVIII e XIX pode ser classificada em duas categorias: aquelas dos viajantes, exploradores (anterior ao paradigma naturalista), de caráter narrativo das aventuras e sobrevivência nas viagens, e aquelas outras dos viajantes naturalistas, de caráter descritivo, com objetivos classificatórios e baseadas nos pressupostos da História Natural, que apesar do interesse direcionado à exuberante natureza, não excluíram de seu trabalho o estudo do homem (ser humano).

No primeiro tipo de viajante, a perspectiva é interativa e os nativos podem ser incluídos no mesmo universo institucional dos europeus. Nos outros, como literatura de viagem inaugurada com Charles de La Condamine em sua viagem à África do Sul em 1735, refletem um empreendimento

⁵ Mary Louise Pratt, "Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação", 1999.

narrativo, de caráter cumulativo e organizacional, na qual a geografia é minuciosamente documentada e o "mundo humano naturalizado".

Para a mesma autora, a literatura de viagem naturalista é:

*...masculina, eurocêntrica, com traços edipianos, da dedicação dos filhos viajantes ao pai Lineu, ou mais tarde ao pai Humboldt, ou no caso do Brasil, a von Martius e seu objetivo de estabelecer uma posse intelectual e abstrata de um saber e da natureza.*⁶

Além de produzir uma literatura específica de viagem, nas palavras de Lilian M. Schwartz, assim pode-se resumir sobre o discurso naturalista no Brasil:

*Os últimos anos do século XIX mostraram-se particularmente permeáveis ao pensamento europeu da época, trazendo de lá a inspiração para as novas teses da inteligência nacional. Tratava-se de objetivos realmente grandiosos dessas novas elites que pretendiam submeter toda a cultura do país a um processo integral de crítica adotando o modelo cientificista com seus condicionantes de meio, raça e evolução social como modelo de análise e avaliação.*⁷

Sobre os procedimentos desses trabalhos dos naturalistas, assim refere-se Karen M. Lisboa:

*... responsáveis pôr um 'novo' descobrimento do Brasil, muitos deles publicaram, na Europa, suas anotações de viagem. As missões traçadas em nome da ciência, algumas delas planejadas por Academias e sociedades científicas, bem como por museus de História Natural e financiadas pôr monarcas, ocupam no Velho Mundo, relevante papel na produção intelectual sobre o Brasil.*⁸

Ainda para Karen Lisboa, em sua versão sobre o projeto do naturalismo, relacionando-o ao universo das principais teses em voga no século XIX:

Seguindo os preceitos das enciclopedistas, a História Natural visava ocupar-se de toda a natureza, desde os astros até os minerais, passando pela fauna e flora,

⁶ Id.

⁷ SCHWARTZ, Lilian Moritz. O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradução, 1992.

⁸ Karen Macknow Lisboa. "Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização", 1995.

incluindo o homem. E a taxonomia, um instrumento básico da prática naturalista, dá margem para a reflexão filosófica, mesclando variados fatores para classificação da humanidade.⁹

O trabalho desses naturalistas não se resume somente àquelas províncias do Sul do país que durante o século XIX foram visitadas e exploradas a partir de suas viagens à província sede da corte imperial no Brasil - o Rio de Janeiro, mas estendem-se especialmente do início da segunda metade do século XIX às províncias do Norte, parte do que hoje chamaríamos de região Nordeste. Território pouco conhecido pela ação dos naturalistas, e que a partir de então toma corpo, e ao conjunto de idéias e dados importantes para as ciências naturais somam-se às novas informações etnológicas coletadas.

No Rio Grande do Norte, por exemplo, para os pesquisadores Vingt-Un Rosado e Campos e Silva quando se referem ao naturalista Louis - Jacques Brunet, (que esteve na Paraíba e no Rio Grande do Norte na segunda metade do século XIX), atestam assim, sobre sua contribuição:

Os documentos afiguraram-se-nos como uma dessas notáveis contribuições que muitos homens de valor do século passado trouxeram ao conhecimento de uma região ainda virgem de pés desbravadores com mente científica, relegadas ao esquecimento pela própria pobreza cultural da província.¹⁰

A chegada dos naturalistas e o trabalho realizado por estes articulam-se, num emaranhado de interesses, idéias e práticas, percorrendo do universo político ao universo científico, e que se movimentam no interior da sociedade brasileira, em especial num mundo economicamente e cientificamente periférico, e, por sua vez, também pretensamente modernizado no decorrer do século XIX.

O tratamento dado aos homens, à natureza e às coisas, trazidos pelos viajantes naturalistas (cientistas) inaugura novos tempos, permeando desde as esferas do projeto político para a saúde (coletiva) pública até as esferas dos procedimentos quanto à coleta e classificação das informações paleontológicas e arqueológicas, se assim as podemos chamar no contexto do formato das ciências oitocentistas.

⁹ Id.

¹⁰ Vingt-Un Rosado e Antonio Campos e Silva, " Louis Jacques Brunet: naturalista viajante", 2001.

Mas muito precisa, ainda, ser desvendado sobre a ação dos naturalistas, sobre seus relatos e a ciência arqueológica. Em primeiro lugar, quais os efeitos que estas descrições dos viajantes naturalistas, enquanto construções científicas tiveram sobre a imagem do homem e conseqüentemente sobre o fazer e o ver arqueológico no país? Da mesma forma, quais as matrizes de formação desses autores dos relatos enquanto viajantes estrangeiros e naturalistas?

Em segundo lugar, quais as referências às antiguidades americanas visualizadas através, principalmente, dos registros gráficos, e o que buscavam identificar no espaço brasileiro através de vestígios materiais?

E em último lugar, quais os efeitos que estas descrições produziram na reflexão acerca dos vestígios arqueológicos ou sobre alguns desses vestígios em especial? Quais os efeitos da adoção das diversas teorias e abordagens diferentes ou opostas àquelas já tradicionais no pensamento ocidental e a participação de uma intelectualidade em formação no país articulando-se a estes conhecimentos: a chamada "*intelligentsia*" brasileira?

No Brasil, principalmente no início da segunda metade do século XIX, grande é o interesse e o empreendimento levado adiante pelas instituições nacionais em promover um maior conhecimento das Províncias desconhecidas do Norte do Brasil. Tal é o exemplo da "Comissão Científica de 1859" e seu projeto de esboçar um quadro geral de conhecimento científico que se estendia desde a Etnologia até a Geologia sobre as províncias nortistas do país¹¹.

A visão construída pelo viajante estrangeiro, interessada na exuberante e quase ilimitada natureza tropical foi cuidadosamente estudada e definida por estes, mas, contudo não excluiu na maior parte de seus tratados e relatos, ou seja, no seu discurso, análise e método de trabalho, o ser humano ou pelo menos aquilo à que este se referia: os vestígios arqueológicos.

Encontrados e visualizados (os vestígios) ora sob sua marca de ancestralidade nativa, justificando-a inclusive, ora, contrapondo-se a esta marca, propunha diversas alternativas com base em teses aceitas inclusive no contexto nacional do período, tais como: as cidades ou civilizações perdidas ou da presença de povos antigos do Oriente ou do Ocidente. Os conhecimentos dos viajantes naturalistas articulam-se de diversas formas e maneiras àqueles da intelectualidade nacional produzindo novas abordagens ou às vezes promovendo a continuidade de outras¹².

O caso da arqueologia ou simplesmente dos vestígios arqueológicos é exemplar neste contexto do Brasil do século XIX, pois deste ponto de vista, com freqüência historiadores ou

¹¹ Roberto Airon Silva. "Os registros rupestres do Ceará: as contribuições de viajantes, eruditos, historiadores e etnólogos", 1999.

¹² Ma Alzira Seixo, "Entre cultura e natureza: ambigüidades do olhar viajante", 1996.

arqueólogos criam a ilusão de que a especialidade que tratam sempre existiu, tais como a definem, isto é, o "objeto imaginário". Nas obras que se tornaram clássicos sobre o assunto, os vestígios humanos do passado, a formação dos sítios, as culturas estudadas foram retomadas e interligadas com base em presumida identidade e continuidade do objeto estudado¹³.

Além disso, superstições, hipóteses muito audaciosas, filosofias, romances históricos e imagens de ciência tornam-se meras notas de rodapé ou menção (citação) em alguma página dos tratados científicos atuais.

A pesquisa, ora em andamento, visa, portanto, mostrar o porquê e como os dados arqueológicos foram percebidos pelos viajantes estrangeiros, exploradores e naturalistas do final do século XVIII e início do século XIX, ou as tantas formas pelas quais os vestígios arqueológicos, identificados como antiguidades americanas, foram percebidos por estes e quais os efeitos que esses relatos tiveram sobre a reflexão acerca dos vestígios arqueológicos, bem como as condições históricas da produção desses relatos.

Também, se busca entender a influência que teve a adoção de teorias humanistas e científicas, já propostas tradicionalmente, na erudição européia e na erudição luso-brasileira à época e suas relações com as variações no pensamento arqueológico e ainda o aumento das informações acerca de lugares identificáveis através desses relatos de viagem.

Para isso, é necessário realizar um levantamento exaustivo e sistemático de todos os viajantes estrangeiros exploradores e naturalistas, durante o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX no Brasil, e em especial nas ditas províncias do Norte do Brasil. Também sistematizar as informações e propostas de abordagem acerca do homem e acerca dos dados que chamaríamos hoje: arqueológicos, e as explicações e construções sobre estes dados observando o mapeamento, definição dos percursos e objetivos das viagens, resultados obtidos pelos mesmos viajantes em seus empreendimentos e seus enfoques teóricos e as condições históricas da produção dos relatos destes.

Ao final objetivamos analisar as formas, métodos, abordagens teóricas nos relatos dos viajantes e sua inserção nas províncias do Norte do país. As relações de coerência e divergência desses quanto às teorias tradicionais de origem humanista e enciclopedista acerca dos vestígios arqueológicos encontrados nas regiões consideradas desconhecidas, do mundo e da América do Sul e assim, analisar os efeitos que essa produção gerou na reflexão sobre os vestígios arqueológicos no Brasil e as relações desta produção com a adoção ou recusa de determinadas teorias científicas ou modelos explicativos anteriormente aceitos.

¹³ Paulo Rossi. "Os sinais do tempo: história da terra e história das nações de Hooke a Vico", 1992.

A relação existente entre a construção do conhecimento e as articulações dessa leitura estrangeira (produção) como um novo olhar sobre os outros, por sua vez refletirá na adoção de certas práticas quanto à sistematização e à classificação dos dados arqueológicos.

Bibliografia

HODDER, Ian. *Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. *Interpretacion en arqueologia: corrientes actuales*. Barcelona: Editorial Critica, 1988.

KERN, Arno Alvarez. Abordagens teóricas em Arqueologia. *Revista de Arqueologia*, Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), Rio de Janeiro, vol.1, p.44-57, 1992.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. *La arqueologia prehistorica*. Barcelona: Martinez Rocca, 1985

LISBOA, Karen Macknow. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.15, n.29, 1995, p. 9-27

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 2ª ed. Recife: UFPe, 1997.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

PROUS, André P. *Arqueologia Brasileira*. Brasília : UNB, 1992.

_____. História da pesquisa e da bibliografia arqueológica no Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte: UFMG, t. 4 e 5, 1982.

ROSADO, Vingt-Un e CAMPOS E SILVA, Antonio. ***Louis Jacques Brunet: naturalista viajante***. 2ª ed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série C, v.1236).

ROSSI, Paulo. ***Os sinais do tempo: história da terra e história das nações de Hooke a Vico***. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SCHWARTZ, Lilian Moritz. O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradução. ***Revista de Antropologia***, São Paulo: USP, 1992, v.35, p.146-167.

_____. ***Homens de ciência e a raça dos homens: cientistas, instituições e teorias raciais de finais do século XIX***. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1992.

SEIXO, M.^a Alzira. Entre cultura e natureza: ambigüidades do olhar viajante. ***Revista USP***, São Paulo, v.30, p. 190-238, junho/agosto 1996.

SILVA, Roberto Airon. ***Os registros rupestres do Ceará: as contribuições de viajantes, eruditos, historiadores e etnólogos***. Dissertação de mestrado, Recife: UFPe, 1999.

_____. Arqueologia, antropologia e história: o interesse pelos vestígios humanos. ***Caderno de História***, Natal : EDUFRN, v. 4/5, jan/dez, 1998, p. 143-160.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. ***História da Arqueologia Brasileira***. São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas, 1991 (Série Antropologia, 46).

STIEBING, William H. ***Uncovering the past: a history of Archaeology***. New York: Oxford University Press, 1992.

TRIGGER, Bruce G. ***Historia del pensamiento arqueológico***. Barcelona: Ed.Crítica, 1992.

_____. ***Alternative archaeologies: nationalist, colonialist, imperialist***. MAN, New York, n.19, p.355-370, 1984.

mneme revista de humanidades

Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó.

V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. – Semestral

ISSN -1518-3394

Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme